



CIDADES DISPERSAS E COMPACTAS: UM ESTUDO MORFOLÓGICO SOBRE AS CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO URBANO

Paulo Ricardo Lopes Batista¹, Maria Luiza Harumi Takayama², Andressa Maria Woytowicz Ferrari³

¹Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Cesumar – UNICESUMAR, Campus Ponta Grossa-PR. Programa Voluntário de Iniciação Científica da UniCesumar – PVIC/UniCesumar. lbpauloricardo@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Maringá Campus Ponta Grossa-PR. maluhtakayama@gmail.com

³Orientadora, Doutora, Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo, UNICESUMAR, Campus Ponta Grossa-PR. andressa.ferrari@unicesumar.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa objetivou esboçar uma distinção entre os modelos de cidades dispersas e compactas, apresentando uma caracterização morfológica sobre essas formas de configuração do espaço urbano. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, visando contextualizar a cidade como objeto de estudo e compreender seus processos de urbanização. Desse modo, foi possível concluir que as características que resumem a distinguem a dispersão da compacidade determinam uma concepção antagônica de cidade entre esses modelos de urbanização.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia urbana, Planejamento urbano; Sustentabilidade; Urbanismo; Vitalidade urbana.

1 INTRODUÇÃO

As cidades são objetos de estudo complexos, tendo em vista que articulam uma multiplicidade de interesses em torno de um território comum que, por vezes, determina a composição morfológica desses espaços – aquilo que se convencionou chamar de morfologia urbana. Desse modo, a compreensão dos processos morfológicos, responsáveis pela estruturação do espaço urbano, é fundamental para a equalização dos diferentes interesses sobre a cidade (ROLNIK, 2015).

À vista disso, os principais processos morfológicos são, didaticamente, classificados segundo a tutela da dispersão e da compactação urbana, apresentando certo antagonismo como modelos de formatação do espaço urbano (PESCATORI, 2015). Tal antagonismo remete às discussões sobre a sustentabilidade urbana, sobretudo pela oposição entre os modelos de cidade compacta e dispersa, fruto de um debate que se intensificou na década de 1990 e resultou no entendimento de que os modelos urbanísticos de expansão urbana incidiram em um amplo processo de degradação ambiental, social e econômica (O'NEILL *et al.*, 2021).

Nesse sentido, a contemporaneidade tem lançado um novo olhar sobre as estratégias de planejamento urbano das cidades, considerando os preceitos da compacidade em detrimento da dispersão, para racionalização dos processos de urbanização visando a composição de cidades mais sustentáveis (VANZOLINI *et al.*, 2019). Portanto, esse estudo objetivou esboçar uma distinção entre os modelos de urbanização das cidades dispersas e compactas, apresentando uma caracterização morfológica sobre essas formas de configuração do espaço urbano.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo empreendeu uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, visando contextualizar a cidade como objeto de estudo e compreender seus processos de urbanização, enfocando os estágios de dispersão e compactação da forma urbana com a finalidade de apresentar uma caracterização que distinguisse tais modelos de urbanização.



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Rolnik (2015), a compreensão do conceito de cidade é o ponto de partida para o entendimento das configurações do espaço urbano. Comumente, define-se cidade como “aglomeração humana localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo” (CIDADE, 2022).

À primeira vista, a definição expressa pelo verbete nos conduz ao entendimento de cidade como um simples agrupamento de pessoas, e muito disso se deve à familiaridade do conceito em relação à nossa vivência cidadina, já que a maioria de nós habita em centros urbanos. Contudo, ao observarmos os processos de formatação dos tecidos urbanos (cidades), encontraremos um vasto campo de estudo, com diferentes configurações estruturais, tão complexas que, dificilmente, podem ser reduzidas à uma única forma de significação do espaço urbano (SOARES, 2019).

No Brasil, a composição dos tecidos urbanos foi fortemente influenciada pelo conceito de cidade importado do urbanismo norte-americano, fruto dos ideais de Le Corbusier, que foram manifestados, com a publicação da Carta de Atenas (1933) resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM). Esse modelo, se espalhou pelo mundo como uma proposta de organização racional das cidades, estabelecendo a reestruturação das malhas urbanas através da instituição de zonas funcionais conectadas por grandes eixos rodoviários que permitiam o deslocamento entre os diferentes núcleos responsáveis por segregar zonas destinadas à habitação, ao trabalho, às compras e ao lazer – ideal precursor do zoneamento de uso e ocupação do solo que resultou na composição dos traçados urbanos contemporâneos (REGO *et al.*, 2020).

Nesse sentido, Marchelli (2016) aponta que a compreensão dos traçados é determinante para a caracterização da dispersão ou da compacidade como definição de determinada forma urbana. Entretanto, para fins didáticos, é comum que boa parte das literaturas que se debruçam sobre o estudo das formas urbanas – a morfologia, convençionem distinguir os aglomerados humanos através de dois modelos de ocupação, as cidades dispersas e as cidades compactas (Figura 1).

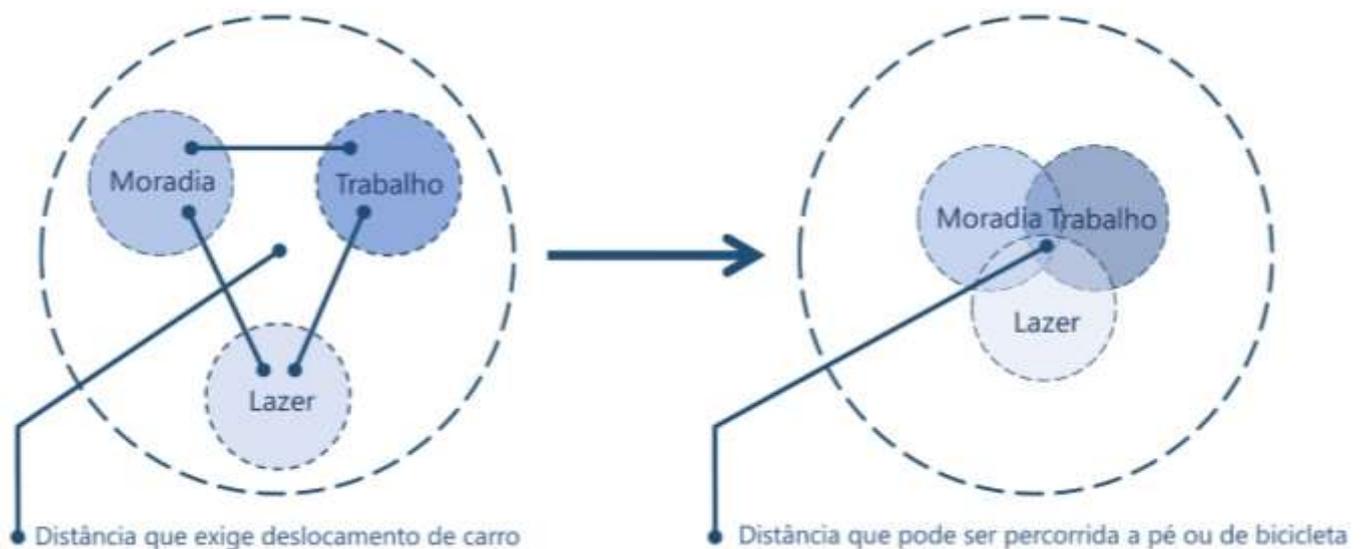


Figura 1: O fluxograma expressa a articulação das zonas funcionais em cidades dispersas e compactas, destacando a dependência do automóvel nos modelos de dispersão.

Fonte: Os autores, adaptado de ROGERS (2001).



As cidades dispersas (Figura 2) são caracterizadas por núcleos urbanos fragmentados em diferentes zonas funcionais dispostas ao longo de um extenso traçado viário responsável pela estruturação do espaço urbano e articulação entre cada zona funcional, fenômeno que ficou conhecido como *urban sprawl* (dispersão urbana) (GLAESER, 2016).



Figura 2. A cidade do Rio de Janeiro é uma amostra dos processos de dispersão urbana.

Fonte: Welt Explorer (2020).

Pescatori (2016) ressalta que, como a expansão territorial é constante em contextos de dispersão, esse modelo resulta em um espaço urbano altamente dependente do deslocamento por transporte individual (automóvel), incidindo em impactos ambientais pelas emissões veiculares geradas em função das longas distâncias impostas pelo zoneamento de uso exclusivo do solo e, sobretudo, minando a mobilidade através do transporte coletivo como estratégia sustentável. Além disso, processos de dispersão majoram custos e dificultam a distribuição de redes de infraestrutura urbana pela crescente demanda, fazendo com que o suprimento permaneça defasado.

Giddens (1991), destaca que a lógica de expansão em torno de uma malha viária cada vez maior era, também, questionada quanto ao impacto ambiental gerado pelas emissões veiculares. Sabe-se, hoje, que esse pensamento expansionista intensificou a queima de combustíveis fósseis pela necessidade de abastecimento dessa frota de veículos, já que o deslocamento entre as zonas funcionais era dependente do transporte individual. Atrela-se a isso o fato de que a mobilidade urbana é, geralmente, incapaz de alcançar eficiência em contextos de dispersão urbana. Isso ocorre porque, na maioria dos casos, o montante de investimentos, necessários para expandir os itinerários nem sempre é crescente e a malha tende à contínua descentralização, prejudicando a criação de redes de integração urbana no transporte coletivo.

Cabe ressaltar que, quando os conceitos do urbanismo moderno foram formatados, o mundo buscava um modelo ideal de crescimento diante do caótico cenário pós-guerra, materializado na exponencial demanda habitacional que, conseqüentemente, determinou a expansão das cidades. Nesse período, o Brasil ainda era um país predominantemente rural, mas, a partir da década de 1950, as cidades brasileiras sofreram forte intensificação de seus processos urbanizatórios, fato que determinou a rápida saturação dos centros urbanos da época, desencadeando processos de dispersão mais profundos diante da preexistência de um estado de segregação socioespacial, já experimentado no país desde os primórdios da abolição da escravidão (VANZOLINI *et al.*, 2019).

O'Neill (*et al.*, 2021) destaca que a expansão territorial brasileira, necessária para comportar tal alteração provocada pela migração em direção aos centros urbanos, foi responsável por



determinar amplas mudanças na morfologia das cidades pela discrepância residente na importação de um modelo de urbanização formatado em um país rico para um país em desenvolvimento, imerso em um contexto de profunda desigualdade social. Vanzolini (*et al.*, 2019) evidencia que, por esse motivo, em curto tempo, a fórmula urbanística moderna se provou fracassada do ponto de vista da sustentabilidade espacial e ambiental das cidades que produzia.

Nesse momento, no mundo todo emergiram duras críticas ao modelo de dispersão, pautadas, sobretudo, na formatação de um espaço urbano que se tornava cada vez menos vital. Em 1961, Jane Jacobs, escritora e ativista norte-americana, lançou *The Death and Life of Great American Cities* (Morte e Vida de Grandes Cidades), obra que fundamentou a renovação do pensamento urbanístico, consolidando um pensamento que preconizava a criação de cidades mais compactas como forma de retomada das centralidades urbana em detrimento dos núcleos expandidos (JACOBS, 2011).

As cidades compactas (Figura 3), ou *compact cities*, são caracterizadas pela coexistência de diferentes núcleos funcionais interligados, criando um ambiente de maior vitalidade urbana através de um traçado racionalizado pela redução de distâncias, o que permite a maximização da caminhabilidade, da ciclomobilidade e do transporte público para deslocamento (PESCATORI, 2015).



Figura 3: Barcelona, na Espanha, um exemplo de compactação urbana.

Fonte: The Fix City Brasil (2017).

Para Jacobs (2011), a vitalidade é um ponto crucial à compacidade. A autora centrou sua crítica ao modelo moderno observando como a cidade dispersa era pensada para o automóvel e não para o pedestre, fator determinante para o que a autora considerava um estado de “morte urbana”, ou seja, a ausência de vitalidade. Nesse sentido, Jacobs desenvolveu alguns conceitos como o “balé das ruas”, que diz respeito ao trânsito constante de pedestres, responsável por alimentar a vitalidade de uma cidade, enquanto os “olhos da rua” são a vigilância exercida pelos que habitam cidades que reúnem diferentes funções em um ambiente urbano compacto, incidindo diretamente na maior sensação de segurança em contextos de compacidade do que em contextos de dispersão.

Mais recentemente, teorias como as de Edward Glaeser, norte-americano especialista em economia urbana e autor de *Triumph of the City* (O Triunfo da Cidade), tem observado a compacidade e sua vitalidade característica como um caminho palpável à potencialização do desenvolvimento econômico e social dos povos, evidenciado que o adensamento populacional das cidades compactas, além de beneficiar o meio ambiente, nos torna mais ricos, inteligentes, felizes e saudáveis ao aproximar os mais pobres das oportunidades que uma cidade oferece, propiciar a difusão do conhecimento e incentivar maior conectividade humana e o bem-estar social.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que, enquanto a dispersão é caracterizada pela ausência de vitalidade resultante da segregação da cidade através de zonas funcionais articuladas por eixos rodoviários baseados no deslocamento individual, a compacidade é marcada pela presença de núcleos vitais, com funções coexistindo em torno de distâncias que privilegiam a caminhabilidade, a ciclomobilidade e o transporte público para a racionalização das infraestruturas urbanas. Tais características resumem a os processos de dispersão e compactação, determinando um estado de antagonismo entre ambos.

REFERÊNCIAS

CIDADE. **Michaelis online**. 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cidade/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

GLAESER, L. E. **Os centros urbanos**: a maior invenção da humanidade. São Paulo: Elsevier, 2016.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RIBEIRO, E.; SILVA, G.; SILVEIRA, J. Cidades compactas e verdes: discussões acerca da qualidade de vida e sustentabilidade urbana. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. v. 23, n. 33, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2316-1752.2016v23n33p76>. Acesso em: 30 jul. 2022.

PESCATORI, C. Cidade compacta e cidade dispersa: ponderações sobre o projeto do Alphaville Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. v. 17, n. 2, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2015v17n2p40>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MARCHELLI, M. V. **Urbanidade**: verticalização, densidade e percepção nos espaços urbanos: edifícios como articuladores e estruturadores de urbanidade no centro expandido da cidade de São Paulo. Dissertação. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S.; BELOTO, G. E. Morfologia urbana como instrumento projetual. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**. v. 12, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20190266>. Acesso em: 09 ago. 2022.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: USP, 2008.

SOARES, M. P. A dificuldade em definir cidade: atualidade da discussão à luz de contributos recentes. **Cadernos Metrôpole**. v. 21, n. 45, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2019-4513>. Acesso em: 11 ago. 2022.

VANZOLINI, B.; ANDRADE, V. **Aprendendo a viver na cidade**. 1. ed. São Paulo: Beï, 2019.

O'NEILL, M. M.; OLIVEIRA, A. T. R. de. **Concentração e dispersão urbana**: o que nos reserva o futuro próximo? Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2021.